

[capa cover]

UMA CARIOCA ABAIXO DE ZERO

UMA FOTÓGRAFA BRASILEIRA VIVE OITO ANOS NA CIDADE
MAIS SETENTRIONAL DO CONTINENTE AMERICANO,
A MENOS 25°C, ÀS MARGENS DO OCEANO ÁRTICO

A CARIOCA GOES BELOW ZERO
EIGHT YEARS LIVING LIKE THE ESKIMOS,
IN THE NORTHERMOST CITY IN THE AMERICA,
ON THE SHORES OF THE ARTIC OCEAN

TEXTO **BY** ANNETTE SCHWARTSMAN FOTOS **PHOTOS** LUCIANA WHITAKER





A fotógrafa carioca **Luciana Whitaker** sempre gostou de viajar – num misto de deformação profissional e característica pessoal. Em abril de 1996, sem saber para onde ir nas férias, aceitou o conselho de um amigo e planejou uma viagem ao Alasca. Mas o que deveria ser um passeio de oito dias sobre um trenó puxado por cachorros em um parque nacional no Ártico acabou se transformando em uma aventura de oito anos. Passado todo esse tempo no gelo, a experiência dessa destemida brasileira é de fato inusitada. Luciana deu a guinada em sua vida quando resolveu aproveitar suas duas últimas semanas de férias fotografando Barrow, uma pequena cidade no extremo norte do Alasca.

Em seu segundo dia ali, conheceu Kelly, com quem acabou se casando e tendo dois filhos. Nascido em Seattle e filho de um piloto de avião, Kelly foi para lá ainda pequeno. Anos depois, quando seus pais partiram do Alasca, decidiu ficar morando com uma família de esquimós (inuítes) em Edwardsen.

Rio photographer Luciana Whitaker has always loved to travel, due to both her profession and her personal tastes. In April 1996, without knowing where to go on vacation, she took the advice of a friend and planned a trip to Alaska. But what should have been an eight-day dogsled trip through a national park in the Arctic, ended up as an eight-year adventure.

Luciana's life turned around when she decided to take the final two weeks of her vacation to photograph Barrow, in

A CARNE DOS ANIMAIS É DIVIDIDA PELAS PESSOAS QUE PARTICIPAM DA EQUIPE DE CAÇA. LUCIANA MERECE A SUA PARTE POR FOTOGRAFAR TODAS AS ETAPAS **THE WHALES ARE SHARED AMONG THOSE ON THE HUNTING TEAM, LIKE THE PHOTOGRAPHER LUCIANA**



Localizada às margens do Oceano Ártico, Barrow é a cidade mais setentrional do continente americano. Maior vila esquimó dos Estados Unidos, ali vivem aproximadamente 4,6 mil habitantes, dos quais cerca de 70% são inuípiat – termo que significa “povo de verdade” e dá nome a esse povo do norte do Alasca e à sua língua. Eles ainda caçam baleias usando os tradicionais barquinhos de pele de foca movidos a remo. Como as baleias passam duas vezes ao ano pelo Estreito de Bering, Barrow é o único lugar do Alasca que tem duas temporadas de caça anuais, uma na primavera e outra no outono. Esse fato, porém, não significa que ali ocorra uma matança desenfreada. A caça é

northern Alaska. On her second day, she met Kelly, whom she married, and had two children. Kelly was born in Seattle, to an airplane pilot, and moved there as a child. Years later, when his parents left Alaska, he decided to stay on and live with an Eskimo (Inuit) family.

Located on the coast of the Arctic Ocean, Barrow is the northernmost city on the American continent. This is the largest Eskimo village in the US, with about 4,600 inhabitants, of which, some 70% are Inupiat – meaning “real people”. They hunt whales using traditional

MENU RESTRITO

Barrow tem 4,6 mil habitantes, sendo 70% inuípiat, povo do norte do Alasca que sobrevive da caça e da pesca

RESTRICTION Barrow has 4,600 inhabitants, 70% of whom are of the Inupiat, who live in the northern Alaska



de subsistência e controlada pela Comissão Baleeira Internacional. De acordo com a população das baleias cabeça-de-arco (ou bowhead), cientistas e esquimós fazem juntos um censo que define uma cota anual para cada cidade. Nessa conta, uma baleia arpoada, mesmo que consiga fugir, vale como uma baleia caçada. Graças a esse controle, a quantidade de baleias dessa espécie tem crescido nos últimos anos.

Logo que uma baleia é morta, corta-se um quadrado (de 60 centímetros de lado) de pele com uma camada de gordura colada. Chamado de maktak, é o pedaço mais saboroso. Ao ser fervido, recebe o nome de unalik e é servido no acampamento enquanto o animal ainda está sendo puxado para o gelo. Como o trabalho de corte é longo e requer muita gente ajudando durante horas, a uma temperatura média de 25 graus negativos, é essa gordura que mantém todos aquecidos e com energia. A carne da baleia nunca é vendida, mas distribuída por meio de um sistema bastante complexo: niñiq são os pedaços dados para as outras equipes de caçadores e para aqueles que ajudaram a rebocar e cortar a baleia; uati são os pedaços que ficam para a equipe que caçou, e que vão ser distribuídos depois durante algumas festas; pilañiaq são os pedaços destinados às mulheres que ajudaram a equipe, entre elas Luciana, que costu-

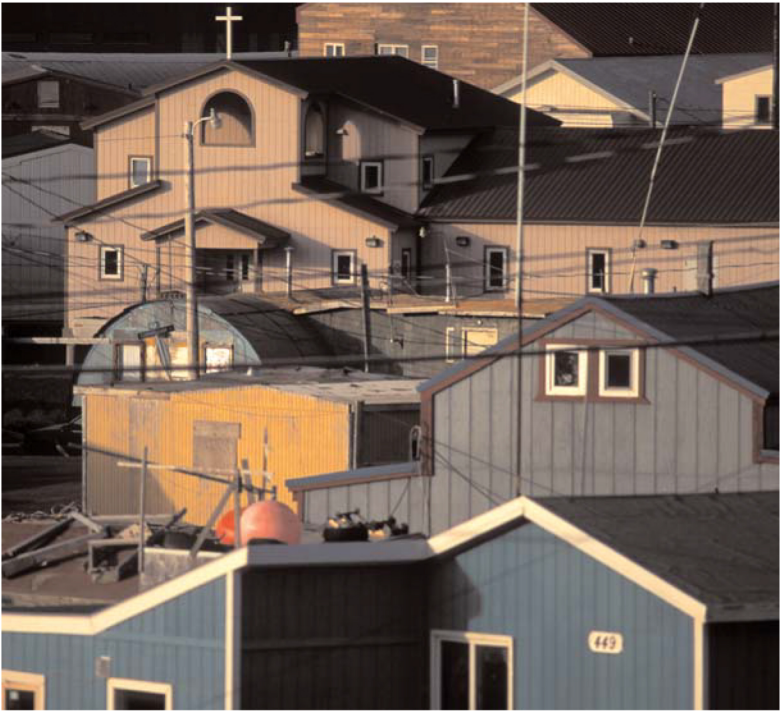
GLACIAL Acostumada com o calor do Rio, Luciana cse adaptou às geleiras do Alasca, a 25° C negativos

XXXXXXXXX Bxxxxa

seal-skin boats. Since the whales go through the Bering Straits twice a year, Barrow is the only place in Alaska that has two hunting seasons (spring and fall). However, this is subsistence level whaling and is controlled by the International Whaling Commission. Scientists and Eskimos take a census of the bowheads, in order to establish the annual hunting quota for each city. Even bowheads that get away are counted. Due to these controls, the number of these whales has grown over recent years.

As soon as a whale is killed, a section of skin with blubber is traditionally cut out. After it is boiled, it is served in the camp, while the animal is still being pulled onto the ice. Since it takes a long time and a lot of people to cut up the whale, at an average temperature of -25°C, the blubber keeps everyone warm and energized. Whale meat is never sold, but is distributed through a very complex system: niniq (a share of the catch) is given to the other hunting teams and to those who help tow and cut up the whale. Uati (community share) stays with the group that got the whale and will be distributed, later, during celebrations. Pilañiaq goes to the women who helped the team, including Luciana, who usually gets her share for photographing the “processing” of the animal.

Raw, cooked, frozen, fermented, dried or smoked. No matter how it comes, the meat is the Eskimo’s basic food staple. So, when a





MÚLTIPLOS USOS Os barquinhos a remo, feitos de pele de foca, servem até para caçar baleias

XXXXXXXX Bxxxxa

mava receber seu lote por fotografar todo o “processamento” do animal. Crua, cozida, congelada, fermentada, ressecada ou defumada. Não importa como, a carne é o alimento básico dos esquimós. Por isso, quando uma temporada de caça termina, é imediatamente substituída por outra, e assim sucessivamente. Quando o alvo não são as baleias, buscam-se patos, caribus, focas etc. “Nos meus primeiros dias aqui, eu, vegetariana por amor aos bichos, não me sentia bem diante dessa necessidade de caçar para viver. Com o tempo, entendi a importância da caça para a cultura inupiat. Num lugar onde a terra, gelada, não oferece alimentos vegetais, tudo vem dos animais. Hoje, se fossem proibidos de caçar, os esquimós poderiam ir ao mercado comprar banana, brócolis e outros vegetais, como eu fazia. Mas sua cultura morreria. E por mais cruel que possa parecer o ritual de morte das baleias, é preciso levar em conta que os próprios esquimós são os maiores interessados na preservação da espécie”, diz Luciana.

Apesar de a caça prover o alimento, ela não é a única fonte de renda dos habitantes locais. Eles também recebem dividendos sobre a extração do petróleo – a principal atividade econômica do Alasca –, graças às corporações que criaram nos anos 70. Assim, Barrow funciona como centro municipal da região petrolífera de North Slope Borough, o que acaba atraindo pessoas de fora.

Alguns desses imigrantes são filipinos, que vão para lá em busca de bons salários. Ainda que bem remunerada, a vida naquelas paragens não é exatamente fácil: no inverno, o oceano fica congelado durante nove meses e o sol desaparece por dois meses, transformando a longa noite polar numa das mais frias do planeta, quando os termômetros chegam com frequência a

hunting season ends, it is immediately substituted by another, and so on. When it's not the whales, it's ducks, caribous, seals, etc.. “During my first days here, as a declared vegetarian who loves animals, I didn't feel very good about this need to hunt for a living. Over time, I understood the importance of hunting to the Inupiat culture. In a place where the frozen earth produces little in the way of vegetables, everything comes from the animals. Today, if they were prohibited to hunt, the Eskimos would be able to go to the market and buy bananas, broccoli and other vegetables, like I did. But their culture would die.

“As cruel as whaling rituals might seem, one must take into consideration that the Eskimos themselves are the most concerned about the preservation of the species,” says Luciana. Although hunting provides food, it is not the only source of income for local inhabitants. They also receive dividends from petroleum production, which is Alaska's principal economic activity, since the '70s. Barrow is the county seat for the huge North Slope Borough, which draws in outsiders.

Some of those immigrants are Filipinos, in search of good salaries. Although they are well paid, life isn't exactly easy: in the winter, the ocean is frozen over for nine months and the sun disappears for two months, making the long polar night one of the world's coldest, when thermometers often reach -33°C. However, in the summertime, the sun doesn't set for three months.

The inhospitable climatic conditions, plus a limited social life, are responsible for one of the most serious



LUCIANA WHITAKER COM SUA INSEPARÁVEL CÂMERA,
NA CIDADE DE BARROW, NO EXTREMO NORTE DO ALASCA
LUCIANA WHITAKER WITH HER TRUSTY CAMERA, AND THE LOCATION
OF THE CITY OF BARROW, IN THE FAR NORTH OF ALASKA

33 graus Celsius negativos. No verão, em compensação, o sol não se põe durante três meses. As inóspitas condições climáticas, somadas à limitada vida social, são responsáveis por um dos problemas mais graves que a população enfrenta: o alcoolismo.

“O perigo por aqui não está nas ruas, mas sim dentro de casa. A bebida traz muita violência doméstica”, conta Luciana. Mesmo com a venda proibida, há sempre o mercado negro. “Uma garrafa de rum, que custa 10 dólares em qualquer outra cidade, aqui chega a custar até 250 dólares”, compara.

Ainda que grave, esse problema não impede que os esquimós prezem muito a vida em família e criem estratégias para estender os laços de parentesco. No passado, a troca de casais era um desses recursos. “Maridos e mulheres eram trocados durante algumas visitas e todas as crianças filhas dos dois casais viravam irmãs. Assim se criava uma só família em duas cidades, o que facilitava as viagens”, conta Luciana. Hoje essa prática foi abandonada, mas o costume de adotar crianças para criar grandes famílias é bastante frequente. “As grávidas não pensam em aborto, mas na possibilidade de ficar com o filho ou dá-lo a outra mulher. A criança chama as duas mulheres de mãe e as famílias se tornam parentes”, explica. Além disso, na sociedade esquimó, todas as mulheres da família ajudam a criar as crianças, e a mesma palavra, aaka, é usada para dizer mãe ou avó, enquanto aana pode significar avó ou tia.

Luciana teve seus filhos, James e Juliana, enquanto vivia ali. Por conta da precariedade do hospital de Barrow, as crianças nasceram no Rio de Janeiro, mas foram criadas no Alasca no melhor estilo esquimó: sendo carregadas nas costas. “Quando eram pequenos, eu fazia tudo com eles dentro do meu casaco: tratava de negócios, fotografava, andava de bicicleta. Luciana

problems faced by the population: alcoholism. “Around here, danger is not on the streets, but inside the home. Alcohol causes much domestic violence,” says Luciana. Even though its sale is prohibited, there's always a black market. “A bottle of rum that costs ten dollars in another city, can run as high as 250 dollars, here.”

Although serious, this problem does not keep Eskimos from focusing on the family and creating extended families. In the past, “Husbands and wives were exchanged during visits and all of the children of the two couples became brothers and sisters. Thus, a single family was formed, in two cities, which facilitated travel,” says Luciana. Today, this is no longer the practice, but it is common to adopt children and create large families. “Pregnant women either keep the child or give it to another woman. The baby calls both women “mother” and the families become relatives,” she explains. Also, in the Eskimo society, all women in the family help bring up the children, and the same word, aaka, means both “mother” and “grandmother”, while aana may mean either “grandmother” or “aunt”.

Luciana had her children, James and Juliana, while living there, but they were born in Rio de Janeiro and reared in Alaska in true Eskimo style: carried on their mother's back. “When they were little, I did everything with them inside my coat: did business, photographed, rode my bicycle, and visited friends. Being able to do my work and still enjoy my children was one of the best things about living in Barrow. In Rio, it would be